

APOSTO TUDO NUMA ELEGÂNCIA FERIDA



COMPANHIA DAS LETRAS

Andreia C. Faria

1.

Acontece-me ao contrário: os sonhos da noite são a vida. Essa vida apenas pressentida, quase oculta, de esborratados flancos, é a vida que vivo realmente, a vida aberta em cheiros e em desejos, vida com seu incurável golpe, jorro de dor negra, relâmpago térreo e sideral.

Sonho muito. Sonho e sangro muito. A verdadeira vida é indistinta da fisiologia. Os sonhos são a poluição calada das imagens, uma fala vertida para dentro, para os dentes e o revolver da língua, e esquecida no fio da manhã.

É exacta a vida que se vai cumprindo em muitas noites. Os dias, com seu jogo de funções, sua espera incumprida, servidões e rituais amargos, são ramos muito frágeis de uma árvore. Até que a flor complicada dos sonhos, exuberante, excessiva, se apresenta demasiado pesada para o braço que a segura. Então rompe-se, cai, entorna-se pelo chão com seu manto de desperdícios e odores maduros.



Nos sonhos sinto tudo até ao fim, com o gosto inteiro, seja o que for. Sei estar triste nos sonhos como nunca estou durante o dia. Uma tristeza sem mescla. Funda, acabada, inescapável.

Visitam-me rostos de invulgar compleição, de uma beleza anacrónica. Olham-me através de uma luz translúcida, melífera, que lembra a pequena urina infantil, a benignidade com que inunda tudo.

Há uns anos visitavam-me animais. Pássaros lentos, molhados. Antigos amantes. O sexo, sem respeito, trepando espesso como musgo pela pedra. Agora não. Agora os meus sonhos imitam a medonha confusão do dia transfigurando-a, largando-a no campo da infância, das imagens esventradas, do heroísmo cru. Estes sonhos que sonho numa cama dos subúrbios conservam a sua armadura épica. Fazem reviver Tróia.



Um sonho range como um caixão, mas é lúcido como um aquário e sabe florir. Acontece ao contrário da vida e é a vida. O sonho está para a vida como o ódio está para o amor. O ódio é a raiz do amor, aquilo que nele cresce e se oculta. E é sempre a raiz que comporta a verdade.



Tinha cinco anos e passeava com os meus pais pela cidade numa noite de São João. Um rapaz pedia esmola entre a multidão, sentado com as pernas estendidas, como se quisesse afastar-se o mais possível dos seus próprios pés, que eram duas pontas grossas e espiraladas, duras e escuras como os cornos de um bode. Um rapaz enraizado

em bode, transplantado da sua natureza como as árvores da cidade, confinadas a um quadrado de terra, laborando em raiva até que rebentam pavimento e canalizações.

Quero dizer que há no ódio uma raiz alquímica, mais forte e genuína do que o amor. O ódio traz aquilo que em nós é real, urgente, irrefutável. Também assim os sonhos: vida a que não podemos furtar-nos, vida retorcida e arrancada à vida até que começa a falar, a florir.



Gosto de pensar que o meu ódio é uma espécie de mística. Que não é um ódio totalitário, propagado sem desvelo ou devoção, e sim um ódio humilde, um pouco hipócrita, contemplativo, cheio nas narinas, como um santo, de um leve aroma podre e sangue seco.

Sei que odiar é estar ainda em relação. A recusa é ainda relação, como o pai que abandona o filho para nos salvar. E eu creio entredentes no filho misturado à cruz.



Odeio este tempo e a forma como os artistas, os opinadores, os decisores, os identitários, os proprietários, os *poseurs*, os empreendedores se movem nele: com avidez e condescendência, como se alguém, acenando de um qualquer futuro, lhes prestasse já homenagem. Bestas sensíveis, argutas, que para defenderem o seu prazer infundem à terra inteira um terror sofisticado, com disfarce de razão

e alegria. Odeio os boçais, os intelectuais, os hedonistas. Os pais que geram filhos num vagar de lobos, os filhos desdobrando a cara em lobo depois de terem depredado lobos. Odeio alegrias programadas, o que há de artificial e de fedor a solidão nas festas em que a multidão, como árvores abatidas, deixa de encobrir o vazio, a clareira.

Já não há nada para amar. Já tudo foi arregimentado por belos discursos e o próprio amor está reduzido a um *marketing* insinuante, brutal. É necessária uma força sobre-humana para amar, para se estar sozinha com aquilo que se ama. É necessário um amor duro, calado, invertido. Um que se deite a todo o comprimento daquilo que passa por amor, dormindo-lhe nas imediações, como a cobra que se mede pela sombra do encantador, antecipando a futura refeição.



Há um murmúrio que cresce do chão e caminha com as multidões. Vagueia como um princípio de tédio, como um animal na jaula, acompanhando o grupo numa expectativa mansa. Visitem monumentos ou parques de diversões, subam à Torre Eiffel, vão a um espetáculo, aguardem em fila e poderão ouvi-lo. É um murmúrio que vagueia por entre as nossas pernas, dá-nos pelos joelhos como certas brisas, como uma criança ou um cão, e é necessário um silêncio interior, distraído, obtido através do cansaço ou de uma alegria sem apego, para se dar por ele.

Este murmúrio: manso em tempos de paz, cão afeito ao silvo, ronceiro como o mar no interior de um búzio. Mas imaginem-no em barcos sobrelotados, em estradas militarizadas, em terreiros replantados pelo fogo. Imaginem esta criança humilhada, em terror. Imaginem que o futuro dela e o vosso coincidem. Imaginem do que ela é capaz.

2.

Sonho que estou no escuro de um consultório médico. A sala, os médicos, o meu corpo estão no escuro para que se possa ver o que trago dentro: um catarro fosforescente, indócil, ronronando como uma pequena fonte. Irradia da minha garganta uma luz de febre. Doente como uma galinha, dizem os médicos. A sala cheira tristemente a galinha. Os médicos dizem que o meu mal é essa moela ridícula, essa víscera implausível que me enrouquece e põe na minha boca uma bília velha.

Gosto de pensar que o meu corpo aboliu todas as hierarquias. Que na verdade sou um bicho morno, fétido, meigo, que gosta de dormir e de coisas para fazer no escuro. E, no entanto, acredito-me tão longe daqueles rostos nos transportes públicos, rostos forjados pelo sol a sol, abreviados pela fome e pela falta de dentes, como eles se crêem distantes das galinhas. Rostos como foices anquilosadas, cuspidos para os telemóveis palavras ordinárias muito além da compaixão.

Evito olhá-los. Talvez que, tal como as flores, os pobres e os velhos usem os genitais na cara. Não os genitais, mas tudo o que os lembra cruamente, o que inspira melancolia e pudor. As pregas, a pele fina, o rubor, os esgares e o suor. Quando eu for velha e pobre sofrerei

também esta inversão do rosto, trarei na cara as costuras do sexo, serei olhada pelos jovens com equívoco e repulsa. Considerar-me-ei hierática e inocente como uma galinha. Continuarei a escrever poemas e enigmas de galinha rala, entalada entre as grades e os bicos das outras galinhas, forçada a pôr ovos mesmo quando os ovos já só nascem para dentro, ocos e atrofiados.



Há também aqueles rostos em que os olhos parecem ter sido pintados no lugar dos olhos. Olhos desenhados a cores químicas, as pálpebras imóveis expondo um misto de resignação e de baço terror. Estes rostos falam, mexem-se, mas fazem-no através de um véu de doença e falsidade. Não existem, e quando falam é a ausência o que se vê.

Viajam comigo de metro desde o centro da cidade. Todos os dias atravessamos os baldios onde o céu planta as primeiras estrelas. Olham sem ver, com a opacidade muda e sem sombras do papel.

Como se pintadas em vez de existirem: também as estrelas me olham assim.



A minha mãe proibia-me de apontar para as estrelas. Era uma afronta que, na sabedoria popular, seria castigada pela erupção de verrugas no dedo audaz. Eu apontava às estrelas em noites de Verão, quando o calor não me deixava

dormir e o mijó feroz nas escadas do prédio, o lixo em decomposição, as tílias mornas, todos estes cheiros concitavam a imaginação. Apontar um dedo ao céu era acusá-lo, perscrutá-lo, romper-lhe intimamente a pele. Eu sentia toda a vertigem da minha ousadia, toda a distância sem remissão entre mim e as estrelas. Sentia temor, mas não podia deixar de brincar, de tocar, desfocar as estrelas com os dedos e os olhos. Lembravam-me muitas coisas próximas, as estrelas, mas sobretudo as pequenas feridas quentes que o meu pai trazia na pele ao regressar a casa.



A minha mãe costumava dizer-me, referindo-se não apenas à fisionomia, mas também ao carácter: «És tal e qual o velho.» «O velho» era a fórmula de carinho e desdém com que ela se referia ao meu pai, mas sempre que dizia aquilo eu pensava em Brueghel, *o Velho*. Sabia que Brueghel, *o Novo*, tinha desenvolvido uma técnica, a que em termos grosseiros poderia chamar-se decalque, que lhe permitia transferir para uma nova superfície os contornos das imagens criadas pelo seu pai, completando-as depois com as tintas e os óleos necessários. Brueghel, *o Velho*, era tão célebre que estas cópias circulavam em grande escala, e não há registo de que o filho sofresse com o que havia de rapina ou de impotência criativa no seu próprio trabalho.

De madrugada, quando chegava a casa, o meu pai ia dar-me um beijo à cama. Trazia a cara a arder, um ou dois novos lanhos abertos pelas fagulhas dos fornos da

siderurgia. Aquelas feridas minúsculas, quentes como estrelas, exalavam um cheiro a febre, um cheiro a metal e a carne de que me habituei a gostar. Com os anos, as faces abatidas, marcadas por novas feridas, cicatrizadas outras, faziam pensar num céu pejado de estrelas. O meu pai tinha talhado para si aquele rosto, tinha-o forjado com a arte violenta de andar sem máscara por entre os poços de lume. O meu pai era o grande artesão.



Foi numa destas insónias entretidas pelas estrelas que pensei pela primeira vez na morte, quer dizer, percebi que ia morrer. Eu, a minha mãe, todos aqueles que eu amasse soterrados na insónia, num longo sono sem sonhos, íamos morrer.

Tinha visto uma reportagem sobre os sicários de Pablo Escobar. Era uma viagem nocturna por Medellín. A cidade parecia arder no deflagrar dos bairros, nos disparos, nos gritos e rostos em fuga, desfocados. Cadáveres em camisas garridas como árvores de Natal apanhadas num capricho das chamas. Mulheres chorando num beco sem luz, incendiando tudo com o branco dos olhos. As filmagens gastas, corrompidas, brilhando como ossos num incêndio. E os relatos, os morros aonde subiam, o narrar cantado de tudo o que faziam aos inimigos, às mulheres dos inimigos e aos cães. E por esta lógica a morte não me parecia o agradável sucedâneo do sono que me tinham dito ser, mas sim a impossibilidade de dormir e de sonhar,

uma longa noite desprendida do jugo do dormir e do acontecer sonhar.

A morte era um conhecimento completo, incessante e sem mistério, obsceno. Era a insónia irrespirável, infinita noite em *travelling*. Era uns olhos no lugar dos olhos, cosidos ou pintados sobre os olhos, sem sombra e sem misericórdia, sempre abertos pelo cansaço ou pelo terror.

Aposto tudo numa elegância ferida

«O coração retira-se de todas as coisas», mas Andreia C. Faria constrói histórias com os sedimentos do músculo mais plástico de todos: sonhos que assombram noites, e também alguns dias; gestos mecânicos feitos por quem trabalha e que lembram como são brutas as metáforas; um amor juvenil que sugere, como num jogo, a violência do sexo e a difícil intimidade; a visita a museus onde se descobrem enganos do olhar e uma perpétua perturbação; o saque de memórias da terra, da infância, da pobreza; o desejo de regresso ao ventre materno, antídoto para certos ódios e certos amores; oráculos da carne e do espírito, que pouco consolam; uma juventude de longos cabelos e raparigas em flor; Tróia e outras guerras, outras perdas.

Aposto tudo numa elegância ferida revela-nos Andreia C. Faria como artífice de uma prosa sem paralelo na literatura portuguesa, que dá forma a um imaginário poético e cru, lúgubre e melancólico, tão luminoso como a mais depurada educação sentimental. Há livros que se cosem ao tecido do mundo, e há livros que, como este, tecem o corpo do mundo.



«Eu quis tingir a máquina, amor, de um pouco de melancolia. Se alguém fosse capaz de o fazer, pensei, seria eu. [...] Tingir a máquina, amor, dar-lhe os tons vivos e infectos da melancolia, cuspir nela uma ferrugem, vê-la triste e demorada como um animal. Eu era bem capaz. E isto enquanto dormíamos, acordávamos, líamos as notícias, trabalhávamos, planeávamos o jantar. Isto enquanto dormíamos e sonhávamos e eu às vezes refazia os artefactos da memória.»

Autora distinguida com:

Prémio Literário Fundação Inês de Castro • Prémio PEN Clube
Prémio Correntes D'Escritas • Prémio SPA Poesia



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt



[companhiadasletrasportugal](https://www.facebook.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-589-847-3



9

789895 898473